

DOSSIÊ

O PROTETOR E O JUSTICEIRO: A ARQUITETURA MORAL DO POPULISMO DE DIREITA NOS DISCURSOS DE BOLSONARO (2018) E MILEI (2023)

THE PROTECTOR AND THE AVENGER: THE MORAL ARCHITECTURE OF RIGHT-WING POPULISM IN THE DISCOURSES OF BOLSONARO (2018) AND MILEI (2023)

Pedro Santos Mundim * 

Marcella Soares Mendonça ** 

* Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, GO, Brasil.
E-mail: psmundim@ufg.br

** Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, GO, Brasil.
E-mail: marcellamendonca@discente.ufg.br

RESUMO

O artigo analisa como Jair Bolsonaro (2018) e Javier Milei (2023) utilizaram fundamentos morais em seus discursos para construir narrativas de “herói nacional” e mobilizar seus apoiadores. A partir de uma análise de conteúdo quantitativa dos tuítes publicados em seus anos eleitorais, e com o uso do Dicionário de Fundamentos Morais (MFD), foram mapeadas as frequências de apelos morais em suas comunicações. Os resultados revelam duas arquiteturas morais distintas: enquanto Bolsonaro construiu um “Herói Protetor”, com ênfase na Autoridade, Lealdade e na denúncia do Dano, Milei personificou um “Herói Justiceiro”, focando na denúncia da Trapaça e da Degradação e em uma proposta de Equidade. O estudo conclui que o sucesso do populismo de direita na região reside em sua capacidade de adaptar o vocabulário moral às crises e ressentimentos de cada contexto nacional.

Palavras-chave: Extrema Direita; Populismo; Fundamentos Morais; Discurso Político; América Latina.

ABSTRACT

The article analyzes how Jair Bolsonaro (2018) and Javier Milei (2023) used moral foundations in their discourse to build "national hero" narratives and mobilize their supporters. Through a quantitative content analysis of tweets published in their respective election years, and using the Moral Foundations Dictionary (MFD), the frequency of moral appeals in their communications was mapped. The results reveal two distinct moral architectures: while Bolsonaro constructed a "Protector Hero", with an emphasis on Authority, Loyalty, and the denunciation of Harm, Milei personified an "Avenging Hero", focusing on the denunciation of Cheating and Degradation, and on a proposal of Fairness. The study concludes that the success of right-wing populism in the region lies in its ability to adapt its moral vocabulary to the crises and resentments of each national context.

Keywords: Far-Right; Populism; Moral Foundations; Political Discourse; Latin America.

INTRODUÇÃO

“By the pricking of my thumbs, Something wicked this way comes”

William Shakespeare (citado por Bruce Dickinson em “The Book of Thel”)

A ascensão de líderes da nova direita na América Latina, exemplificada pelas vitórias de Jair Bolsonaro no Brasil (2018) e Javier Milei na Argentina (2023), representa um ponto de inflexão para os estudos sobre comportamento político e comunicação. Em um cenário de crescente fragmentação midiática (Napoli, 2011; Prior, 2007), esses atores consolidaram um ecossistema de populismo digital (Cesarino, 2020) que amplificou a eficácia de uma retórica que enquadra a política como uma luta entre um “povo” virtuoso e elites corruptas (Hawkins, 2009; Mudde, 2004; Norris; Inglehart, 2019).

Nesse contexto, líderes como Bolsonaro e Milei exploram ansiedades econômicas e inseguranças culturais para construir a imagem de um “mito do herói nacional”, uma figura salvacionista que encarna a “alma da nação” em momentos de crise (Fraga, 2012; Torre, 2010, 2017). Embora a literatura reconheça a centralidade dessa performance, ainda há uma lacuna na compreensão dos mecanismos afetivos específicos que garantem a resiliência desses alinhamentos políticos.

Neste artigo, defendemos que uma das chaves para entender o populismo de direita na América Latina reside na arquitetura moral de seus discursos. Argumentamos que, embora Bolsonaro e Milei compartilhem um repertório antissistema, eles evocam fundamentos morais distintos para construir modelos de herói adaptados às crises e aos ressentimentos de seus contextos nacionais. A análise dessa gramática moral permite ir além da superfície da retórica populista para entender como sentimentos de lealdade, autoridade e justiça são acionados para transformar insatisfação em capital político. A identificação desses mecanismos não implica o estabelecimento de uma relação de causalidade direta entre a retórica moral e o resultado das urnas, mas o mapeamento de padrões discursivos e estratégias de mobilização que demonstram alta afinidade com os anseios de seus respectivos eleitorados.

A análise se baseia na Teoria dos Fundamentos Morais (TFM) (Graham *et al.*, 2013; Haidt, 2013), que postula que julgamentos políticos derivam de intuições morais inatas (Cuidado, Equidade, Lealdade, Autoridade e Santidade), com a razão operando a posteriori para justificá-las (Haidt, 2001). A abordagem permite mapear como os discursos ressoam com as matrizes morais do eleitorado (Strupp-Levitsky *et al.*, 2020; Zacarias; Almeida; Modesto, 2024), ativando sentimentos de ameaça e coesão grupal.

A estratégia empírica consiste em uma análise de conteúdo comparativa dos discursos de Bolsonaro e Milei na plataforma X (antigo Twitter) durante os anos em que foram eleitos. Utilizando o Dicionário dos Fundamentos Morais (DFM), foi mapeada a frequência com que cada candidato acionou os diferentes pilares morais em suas comunicações, permitindo uma análise sistemática das ênfases e omissões na arquitetura moral de cada ator, revelando as semelhanças e diferenças em suas estratégias de mobilização.

Os resultados revelam duas arquiteturas morais distintas. Enquanto Bolsonaro construiu a persona de um “Herói Protetor”, com uma retórica que prioriza a Autoridade, a Lealdade e a denúncia do Dano – ameaças que causariam prejuízo físico e moral ao “cidadão de bem” –, Milei personificou um “Herói Justiceiro”, cuja

retórica de ataque é focada na denúncia da Trapaça e da Degradação, com uma proposta virtuosa que enfatiza a Equidade. Essas diferenças não são aleatórias, mas duas performances políticas distintas desenhadas para mobilizar afetos em resposta a crises de natureza diferente.

O artigo está organizado da seguinte forma. A próxima seção apresenta o arcabouço teórico do estudo, definindo o conceito de direita radical populista e analisando sua ascensão na América Latina a partir da convergência de múltiplos fatores que permitiram a construção de narrativas de herói nacional. Em seguida, apresentamos a TFM como a ferramenta analítica para decodificar esses discursos. Por fim, procedemos à análise comparativa dos casos de Bolsonaro e Milei, demonstrando suas distintas estratégias morais. A conclusão sintetiza os achados e discute suas implicações para o estudo da democracia na América Latina.

A DIREITA RADICAL POPULISTA E O MITO DO HERÓI NACIONAL

A ascensão da direita radical populista na América Latina constitui um fenômeno político marcante do século XXI. Para analisá-lo, é crucial partir de uma definição precisa. Segundo Mudde (2007), a direita radical populista pode ser caracterizada por uma combinação de três elementos: o nativismo, que se manifesta como nacionalismo extremo e xenofobia; o autoritarismo, que preza a ordem como resultado da submissão à autoridade; e o populismo, uma lógica que divide a sociedade entre um povo puro e elites corruptas. Essa estrutura conceitual é fundamental para compreender as particularidades do fenômeno na região, onde tais elementos se articulam a instituições frágeis, desigualdade persistente e uma religiosidade crescente¹.

Nesse sentido, o trabalho adota a definição de direita radical populista para designar atores que, embora operem dentro do espectro democrático, desafiam o pluralismo liberal mediante a tríade composta por nativismo, autoritarismo e populismo. A expressão extrema-direita é aqui empregada como uma categoria guarda-chuva, abarcando tendências abertamente antidemocráticas que extrapolam a institucionalidade. É importante, contudo, distinguir esses movimentos do conservadorismo tradicional: enquanto este preza pela preservação das instituições e por mudanças graduais, lideranças como Bolsonaro e Milei assumem uma postura disruptiva e antissistema (Lynch; Cassimiro, 2022). Essa distinção permite compreender como o populismo atua para cindir o campo social entre um povo virtuoso e elites corruptas, utilizando essa fronteira não apenas como estratégia política, mas como uma divisão moral existencial.

Na América Latina, o fortalecimento da direita radical populista ocorreu concomitantemente à deslegitimação e ao esgotamento da chamada “Onda Rosa”, um ciclo de governos de esquerda e centro-esquerda que ascenderam ao poder no início dos anos 2000 (Cleary, 2006; Pereira da Silva, 2018). Lideranças como Hugo Chávez, Lula e Néstor Kirchner partilhavam uma agenda de crítica ao Consenso de Washington, mas o ciclo progressista mostrou-se vulnerável a fatores como a queda nos preços das *commodities* e a crise global de 2008 (Campello; Zucco, 2016).

O subsequente fim do crescimento econômico, somado a escândalos de corrupção (Hunter; Power, 2019) e à resistência das classes média e alta a políticas de inclusão social (Borba; Ribeiro; Okado, 2023; Hilgers; Calderón; Honigmann, 2022; Porto,

¹ Vale notar que a dimensão do autoritarismo deste trabalho dialoga com a tradição dos estudos clássicos sobre a personalidade autoritária (Adorno *et al.*, 1950), que investiga a predisposição psicológica para a submissão a líderes fortes e a agressão contra grupos desviantes.

2023), forneceu o substrato ideal para o que Norris e Inglehart (2019) denominam retrocesso cultural: uma forte reação conservadora às transformações socioculturais e à expansão de valores pós-materialistas. Foi nesse terreno fértil que floresceu a direita radical populista latino-americana.

Diferentemente das direitas tradicionais, a direita radical populista se caracteriza por um forte componente antissistema, mobilizando setores populares a partir de narrativas morais, associadas ao fundamentalismo religioso e ao uso intensivo das mídias digitais (Cesarino, 2020; Oliveira; Leite; Marques, 2021). Figuras como Bolsonaro e Milei emergem como uma ruptura paradigmática, personificando essa nova força que se posiciona contra o “comunismo” e o “globalismo”, categorias genéricas usadas para desqualificar adversários (Mayer, 2024; Rennó, 2020; Zilla, 2020, 2024). A estratégia se vale de uma lógica populista que, segundo Ernesto Laclau (2013), articula demandas heterogêneas ao construir uma fronteira antagônica entre o “povo” e seus “inimigos”.

Essa modalidade de direita radical populista, como aponta Mouffe (2019), tende a mobilizar ressentimentos para potencializar projetos excludentes. O sucesso dessa empreitada é amplificado pela fragilidade crônica das instituições democráticas na região, marcadas por enclaves autoritários (Garretón, 2003) e por um formato de democracia delegativa que carece de controles efetivos sobre o executivo (O'Donnell, 1994).

Nesse contexto, os líderes da direita radical populista recorrem ao populismo autoritário como estratégia para se valer dos procedimentos democráticos e corroer gradualmente suas bases, em um processo que Levitsky e Ziblatt (2018) descrevem como a “morte lenta da democracia”, caracterizada pela rejeição às regras do jogo e a deslegitimação de oponentes. Essa tensão evidencia um dilema analítico: enquanto diagnósticos normativos destacam a erosão institucional, a perspectiva discursiva de Laclau (2013) e Mouffe (2019) ressalta o caráter constitutivo do antagonismo, revelando diferentes leituras sobre os efeitos do populismo.

Essa erosão é acentuada pela dificuldade em construir consensos mínimos em torno de valores democráticos. Como argumentam Levitsky e Ziblatt (2018), a estabilidade democrática depende de normas não escritas de tolerância e contenção, cuja ausência alimenta a polarização afetiva, marcada pela hostilidade emocional entre grupos políticos (McCoy; Somer, 2018). A ascensão desses movimentos, portanto, não pode ser atribuída a um único fator, mas a uma convergência de crises. A dimensão econômica é central, marcada pela insegurança (Rodrik, 2018) e pela frustração das expectativas de mobilidade da “nova classe média” (Ferreira *et al.*, 2013). A dimensão institucional se manifesta na “desconsolidação democrática” (Foa; Mounk, 2017) e no declínio acentuado da confiança nas instituições, documentado no Barômetro das Américas (Lupu *et al.*, 2023).

A dimensão religiosa também é importante, com o ativismo religioso conservador (Vaggione, 2022) ganhando força através da crescente politização dos evangélicos, que se tornaram uma base de apoio crucial para a nova direita, especialmente no Brasil (Nicolau, 2020). Essa influência se manifesta na centralidade de temas como família, sexualidade e aborto nas campanhas eleitorais (Cunha, 2016). Por fim, a dimensão tecnológica, com a criação de câmaras de eco (Boulianne; Koc-Michalska; Bimber, 2020) nas redes sociais, permitiu a disseminação de desinformação e a formação de ecossistemas digitais paralelos.

É a partir dessa confluência de fatores que se constrói a retórica do mito do herói nacional, um líder salvador que promete restaurar a ordem e expurgar os “inimigos

internos” da nação. Compreendemos o herói nacional não apenas como metáfora narrativa, mas como tipo ideal performativo que organiza valores morais e afetivos em torno da promessa de redenção coletiva. Essa construção se apoia em performances de “masculinidade hegemônica” (Connell, 2015), como o gesto de arma de Bolsonaro ou a motosserra de Milei, que simbolizam a ruptura violenta com o *status quo*.

A eficácia dessa estratégia reside na criação do que Gerbaudo (2019) chama de “carisma digital”, uma percepção de autenticidade que fortalece o vínculo entre líder e seguidores, enquanto a retórica inflamatória é premiada pelos algoritmos das plataformas digitais (Cesarino, 2019). Compreender o que esses líderes fazem, contudo, exige uma análise mais profunda de como seus discursos ressoam no campo afetivo e moral dos eleitores. Essa multiplicidade de dimensões sugere, portanto, que diferentes contextos de crise favorecem diferentes arquétipos de herói: ora o Protetor, que promete segurança diante de ameaças existenciais, ora o Justiceiro, que encarna a punição contra a corrupção e a degradação moral.

A ARQUITETURA MORAL DO DISCURSO POLÍTICO: A TEORIA DOS FUNDAMENTOS MORAIS

Embora a tradição discursiva do populismo identifique a centralidade do antagonismo, ela frequentemente silencia sobre as bases psicológicas que tornam certas fronteiras mais eficazes que outras. Este estudo busca preencher essa lacuna, operando analiticamente a ideia de que a mobilização populista de ressentimentos não ocorre de forma aleatória, mas através da ativação de matrizes morais específicas do eleitorado. Assim, a arquitetura moral do discurso funciona como a ponte entre as estruturas afetivas universais e as performances retóricas de líderes como Bolsonaro e Milei.

Para decodificar os mecanismos de mobilização afetiva da nova direita, este artigo recorre à Teoria dos Fundamentos Morais (TFM) (Graham *et al.*, 2013; Haidt, 2013). Embora a TFM tenha sua própria linhagem teórica, sua aplicação na Ciência Política dialoga com uma longa tradição de estudos sobre as bases psicológicas do comportamento, como as investigações sobre o autoritarismo (Altemeyer, 1981) e a Teoria da Identidade Social (Tajfel; Turner, 1979), que explica a tendência humana de categorizar o mundo em “nós” *versus* “eles”.

Nesse sentido, a TFM oferece um modelo para entender como os discursos políticos ativam intuições morais profundas, desafiando modelos puramente racionalistas ao postular que as intuições vêm primeiro e o raciocínio estratégico vem depois (Haidt, 2001). Além disso, ela conecta a dimensão cognitiva da psicologia moral ao terreno discursivo da política, funcionando como um elo entre estruturas afetivas universais e performances retóricas específicas.

A TFM identifica um conjunto de fundamentos morais inatos, moldados pela evolução e pela cultura (Haidt, 2013). O fundamento Cuidado/Dano ancora a sensibilidade ao sofrimento, sendo central para a defesa de minorias entre progressistas, enquanto conservadores tendem a direcioná-lo à proteção do endogrupo (família, nação). O pilar Equidade/Trapaça, baseado no altruísmo recíproco, é interpretado por progressistas como uma busca por igualdade de resultados, mas para conservadores significa proporcionalidade, onde o mérito deve ser recompensado, e a trapaça, punida. Os fundamentos seguintes são cruciais para a coesão de grupos: a Lealdade/Traição sustenta virtudes como o patriotismo; a Autoridade/Subversão se liga ao respeito a hierarquias e tradições; e a

Santidade/Degradação se manifesta como uma aversão ao que é considerado impuro, sendo central em debates sobre sexualidade e religião.

A funcionalidade analítica desses fundamentos reside em sua estrutura dual, que os contrapõe entre um polo de virtude e um de vício. Essa polaridade é um módulo adaptativo que mobiliza a sensibilidade do público a certos eventos, sendo um recurso central nas grandes narrativas sociais. Conforme Haidt (2013), o polo da virtude é acionado quando o discurso exalta os ideais de coesão do grupo, enquanto o polo do vício é ativado para identificar a violação desses mesmos ideais. A identificação dessa valência no discurso político é, portanto, essencial para compreender como os atores constroem seus aliados e inimigos em termos morais. Esse contraste entre virtude e vício não opera apenas no plano moral individual, mas serve como matriz narrativa capaz de definir aliados e inimigos, transformando disputas políticas em embates existenciais.

A principal contribuição da TFM para este estudo é a descoberta de que progressistas e conservadores constroem suas visões de mundo a partir de diferentes “paletas” morais (Graham; Haidt; Nosek, 2009; Haidt; Graham; Joseph, 2009). Enquanto a moralidade progressista se concentra fortemente nos fundamentos individualizantes de Cuidado e Equidade, a moralidade conservadora utiliza de forma equilibrada todos os cinco fundamentos, com especial ênfase nos pilares que fortalecem a coesão grupal: Lealdade, Autoridade e Santidade (Haidt; Graham, 2007). Essa assimetria explica o que Haidt (2013) denomina de “vantagem conservadora” na comunicação política.

Ao apelar para um espectro mais amplo de intuições morais, os discursos de direita conseguem ressoar com uma gama maior de preocupações do eleitorado, especialmente aquelas ligadas à ordem, segurança e identidade coletiva. Eles mobilizam o “capital moral” de uma comunidade, como seus valores e normas compartilhadas, para suprimir o egoísmo e fortalecer a cooperação intragrupo. Sob a pressão da comunidade, o pensamento crítico individual tende a ser inibido, levando a um estado de “menoridade psicológica”, uma imersão profunda no pensamento do grupo (Rodrigues, 2018). É essa capacidade de ativar os fundamentos de Lealdade, Autoridade e Santidade que permite aos líderes populistas enquadrarem o debate não como uma disputa de projetos, mas como uma batalha entre o bem e o mal².

Sob esta ótica, a articulação entre a tradição discursiva de Laclau (2013) e Mouffe (2019) e a abordagem da TFM reside na compreensão de que, se o populismo fornece a gramática do antagonismo entre “povo” e “inimigo”, a TFM explicita a semântica moral que dá substância e ressonância afetiva a esse antagonismo. Propomos que o alinhamento de diversas demandas do povo contra um inimigo comum é sustentado por uma base moral, o que transforma a política em um embate de valores.

Portanto, a TFM oferece a ferramenta analítica precisa para investigar a arquitetura moral dos discursos de Bolsonaro e Milei. Ela nos permite ir além da superfície da retórica populista para examinar como a seleção e a ênfase em cada fundamento moral constroem diferentes modelos de herói, moldados para ressoar com as crises e os anseios específicos de seus eleitorados. Se o populismo fornece a gramática do antagonismo, a TFM explicita a semântica moral que dá substância a esse

² Reconhecemos debates sobre a validade intercultural da TFM (Haidt, 2013) e sobre a distinção entre retórica moral e cognição moral (Graham *et al.*, 2013). Por isso, neste estudo, empregamos o modelo de forma instrumental, como ferramenta analítica para codificar linguagem moral de forma comparativa e aplicada ao contexto latino-americano.

antagonismo, iluminando como ressentimento e medo são convertidos em capital político.

METODOLOGIA E DADOS

Para testar o argumento central deste artigo, foi desenhada uma análise de conteúdo quantitativa e comparativa, focada nos discursos de Bolsonaro e Milei. O objetivo é mapear a arquitetura moral de suas comunicações durante os períodos eleitorais em que foram vitoriosos, identificando a frequência com que acionaram diferentes fundamentos morais. O método se baseia na codificação de informações para transformar dados qualitativos (os textos dos tuítes) em dados quantitativos (as frequências de palavras), permitindo a identificação sistemática de padrões.

O corpus da análise é composto pela totalidade das publicações feitas pelos candidatos em suas contas oficiais na plataforma X (antigo *Twitter*), extraídas por meio de técnicas de *web scraping* automatizado. A escolha dessa plataforma justifica-se por sua centralidade no ecossistema do populismo digital. Conforme aponta Cesarino (2020), a rede funciona como uma arena de agendamento político, onde lideranças da direita radical populista estabelecem diretrizes discursivas e constroem um canal de comunicação direto e não mediado com seus seguidores. Por sua natureza pública e de rápida disseminação, a plataforma se tornou uma arena privilegiada para a construção de narrativas e a mobilização de afetos, tornando-a a fonte de dados ideal para este estudo.

O levantamento dos dados cobriu os anos eleitorais de cada candidato. Para Bolsonaro, foram coletados 547 tuítes publicados entre 1º de janeiro e 28 de outubro de 2018³. Para Milei, o corpus inicial inclui 959 tuítes, abrangendo o período de 1º de janeiro a 19 de novembro de 2023. A análise da integralidade das postagens no período se justifica pela necessidade de capturar a consistência da estratégia discursiva em seu momento de maior intensidade.

O processo de coleta e pré-processamento dos dados buscou garantir a validade do corpus. A primeira etapa de filtragem consistiu na exclusão de todos os retuítes e respostas, mantendo-se apenas os tuítes originais de cada candidato para focar exclusivamente em seu discurso autoral. Em seguida, foi realizado um pré-processamento textual para a limpeza dos dados, que incluiu a conversão de todo o texto para minúsculas, a remoção de URLs, menções a outros usuários (@), hashtags e pontuação.

A análise empírica foi conduzida em duas frentes para garantir a máxima robustez dos achados. A Análise 1, que chamamos de principal, consistiu na aplicação de versões do Dicionário de Fundamentos Morais (MFD) nas línguas originais dos tuítes (MFD-BR para o português e Spanish-mfd para o espanhol), preservando a nuance do discurso. A análise 2, que chamamos de teste de robustez, seguiu um procedimento diferente. Todo o corpus de tuítes foi primeiramente traduzido para o inglês. Em seguida, foi aplicada a versão original e mais ampla do Dicionário Estendido de Fundamentos Morais (eMFD), conforme desenvolvido por Hopp *et al.* (2021).

A estratégia de análise dupla implica um reconhecido *trade-off* metodológico, resultando em um número total de palavras morais identificadas diferente entre os dois testes. Essa variação é esperada e se deve a três fatores: às diferenças linguístico-culturais inerentes à comparação entre o português e o espanhol; à maior abrangência

³ Agradecemos a Denise Clara Santos Santana, mestranda em Ciência Política e Relações Internacionais pela UFG, pela coleta e disponibilização do material.

do léxico eMFD em comparação com o MFD, que por definição captura mais termos; e ao processo de tradução automática para o inglês, que, embora permita o uso de um dicionário mais robusto, acarreta o risco de perda de nuances e criação de artefatos que impactam as contagens. Contudo, a forte convergência na direção dos resultados em ambas as análises, apesar dessas distorções e diferenças numéricas, é o que confere maior validade e robustez às conclusões deste estudo, demonstrando que os padrões identificados não são um mero artefato de um único método.

O processo de codificação e análise foi inteiramente automatizado em Python⁴. A unidade de análise foi o tuíte individual, e as variáveis correspondem à frequência de palavras associadas a cada um dos cinco fundamentos morais, categorizadas em seus polos de virtude e vício. Do corpus inicial, foram considerados para a contagem final apenas os tuítes que continham ao menos uma palavra com carga moral (N = 301 para Bolsonaro e N = 365 para Milei). Essa decisão metodológica implica que a análise recai sobre 55% do total de tuítes originais de Bolsonaro e 38% dos de Milei no período. A implicação analítica central é o refinamento do foco: ao excluir postagens puramente informativas, logísticas ou de agenda, isolamos a densidade moral da comunicação. Por isso, as frequências relativas apresentadas não descrevem o volume bruto da comunicação, mas a estrutura qualitativa e a ênfase dos componentes afetivo-morais de cada líder. Finalmente, para validar as diferenças observadas, foi aplicado um teste qui-quadrado de independência sobre as frequências absolutas. A análise interpretativa dos resultados no corpo do artigo se baseia nas frequências relativas calculadas dentro de cada polo, que permitem uma comparação justa entre as estratégias retóricas.

Por fim, deve-se reconhecer a limitação inerente a um método de dicionário automatizado. A abordagem, embora poderosa para identificar padrões em larga escala, pode ser cega a nuances contextuais cruciais como a ironia, o sarcasmo ou a citação de terceiros, o que pode levar a erros pontuais de codificação. A decisão de não realizar uma checagem manual de validade em uma subamostra, embora comum em estudos exploratórios de larga escala, representa um limite que deve ser considerado na interpretação dos achados. A confiança nos resultados deriva, portanto, não de uma precisão perfeita em nível micro, mas da força dos padrões que emergem em nível macro e da convergência entre as duas estratégias analíticas.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos discursos de Bolsonaro e Milei revela que, embora ambos se apoiem em uma retórica populista antissistema, suas estratégias de mobilização moral são distintas. A análise da frequência com que cada líder acionou os fundamentos morais em seus tuítes durante os respectivos anos eleitorais permite decodificar a construção de duas personas de herói nacional diferentes, cada uma calibrada para ressoar com as crises e os ressentimentos de seus contextos específicos.

Mas antes de proceder à análise comparativa, é importante discutir a arquitetura moral de cada caso, contextualizando os dados à luz dos cenários políticos do Brasil em 2018 e da Argentina em 2023. A Tabela 1 apresenta os dados das frequências relativas calculadas dentro de cada polo (virtude e vício). A significância estatística das diferenças entre os dois líderes, validada pelo teste qui-quadrado, já sinaliza a

⁴ Todos os dados e materiais necessários para reproduzir os achados deste artigo, incluindo a análise detalhada e a tabela de resultados do teste de robustez, os arquivos com os tuítes, os dicionários de fundamentos morais e os *scripts* de análise em Python, podem ser solicitados diretamente ao primeiro autor do artigo.

existência de duas estratégias distintas, tanto na construção da virtude quanto, de forma mais acentuada, na elaboração do vício.

Tabela 1 – Distribuição dos fundamentos morais nos discursos de Bolsonaro e Milei, por polo

Polo	Fundamento	Jair Bolsonaro		Javier Milei	
		N	%	N	%
Virtude	Cuidado	43	19,8%	35	14,3%
	Equidade	12	5,5%	37	15,1%
	Lealdade	72	33,2%	74	30,2%
	Autoridade	75	34,6%	78	31,8%
	Santidade	15	6,9%	21	8,6%
	Total Virtude	217	100,0%	245	100,0%
Vício	Dano	60	71,4%	39	32,5%
	Trapaça	7	8,3%	48	40,0%
	Traição	8	9,5%	9	7,5%
	Subversão	7	8,3%	3	2,5%
	Degradação	2	2,4%	21	17,5%
	Total Vício	84	100%	120	100%

Fonte: Elaboração própria. Nota: Teste qui-quadrado de independência para a distribuição dentro dos polos: Polo da Virtude: $\chi^2(4) = 13,01$, $p = 0,0112$; Polo do Vício: $\chi^2(4) = 47,5$, $p = 0,000$.

A RETÓRICA DA ORDEM E PROTEÇÃO DE BOLSONARO

A eleição de Bolsonaro em 2018 materializou o ápice de um do período conturbado da história política brasileira. Esse ambiente de instabilidade e desencanto com os governos de esquerda (Zacarias; Almeida; Modesto, 2024) criou as condições ideais para a emergência de uma figura de um herói nacional que, como aponta Fraga (2012), surge com força em momentos de crise. Embora fosse um deputado com quase trinta anos de carreira, Bolsonaro projetou com sucesso a imagem de um *outsider* que se opunha à velha política (Oliveira; Leite; Marques, 2021), construindo um carisma antagônico sobre uma cruzada punitivista contra o politicamente correto (Cesarino, 2019).

A eficácia de sua campanha foi amplificada pela estratégia de populismo digital, que lhe permitiu construir um canal de comunicação direto com seus apoiadores (Cesarino, 2020). O evento que cristalizou sua imagem de herói, contudo, foi o atentado a faca sofrido em setembro de 2018. O ataque físico transformou seu corpo em uma metáfora do corpo político da nação sob ameaça, consolidando sua figura como a de um líder predestinado a uma missão salvacionista (Cesarino, 2019). A análise da arquitetura moral de seu discurso no *Twitter*, como detalhado na Tabela 1, permite decodificar como essa performance de Herói Protetor foi construída para dialogar com as ansiedades do eleitorado brasileiro.

No polo da virtude, a retórica de Bolsonaro é dominada pelos pilares da Autoridade (34,6%) e da Lealdade (33,2%), que juntos respondem por 68% de sua comunicação positiva. A ênfase na Autoridade, personificada em sua figura de capitão do Exército, manifesta-se em apelos constantes à hierarquia, à disciplina e ao respeito às instituições de força e segurança, como no tuíte: “A continência. O respeito à Bandeira. O coração de um povo. Viva nossa Marinha. Viva o Brasil” (Bolsonaro, 2018).

O pilar da Lealdade, por sua vez, foi o principal instrumento para forjar a identidade do grupo, o “nós” (cidadãos de bem) contra “eles” (a esquerda corrupta), mobilizando símbolos nacionais para criar um sentimento de pertencimento. Esse arranjo revela a centralidade da ordem e da coesão grupal na construção do Herói Protetor, cuja legitimidade repousa na promessa de unir o povo em torno da disciplina e da lealdade.

Se sua estratégia de virtude se concentra em unir e ordenar o grupo, sua estratégia de vício foca em identificar a ameaça contra a qual esse grupo precisa ser protegido. A sua retórica de ataque é quase monotemática: 71,4% de seus apelos se concentram no fundamento do Dano. Ao focar nesse polo, Bolsonaro enquadra a criminalidade e o progressismo como ataques existenciais. Essa estratégia legitima sua persona de Herói Protetor, pois se o dano é iminente e violento, a proteção exige uma autoridade forte e resoluta. Seus adversários e os problemas do país não são enquadrados como trapaceiros ou subversivos, mas como uma ameaça física e existencial à família e ao cidadão de bem. Essa retórica justifica a violência como um ato de proteção necessário, como ilustrado na postagem em que parabeniza policiais pela morte de criminosos em Manaus⁵. Ao definir a política como uma guerra contra o Dano, Bolsonaro se posiciona não como um reformador, mas como um protetor cuja função primordial é defender seu povo de um perigo constante.

A análise da distribuição dos fundamentos revela também as omissões estratégicas. O pilar da Equidade (5,5%), por exemplo, é residual em sua comunicação. Isso indica que a promessa de Bolsonaro não se ancora em um ideal de justiça ou reparação de desigualdades, mas na coesão do grupo e na restauração da hierarquia. A baixa incidência da Trapaça (8,3%) como vício reforça essa interpretação: embora sua campanha tivesse um forte apelo anticorrupção, o enquadramento moral do problema não era o da injustiça ou da quebra de regras, mas o da Subversão (8,3%) da ordem e da ameaça de Dano à nação.

A solução, portanto, não seria um processo de justiça, mas a imposição de uma autoridade forte. Essa ênfase na Autoridade e no Dano, em detrimento da Trapaça (regras e justiça institucional), marca a fronteira entre o discurso bolsonarista e o conservadorismo tradicional. Enquanto este último buscaria a preservação da ordem por meio do fortalecimento das instituições de controle, a direita radical populista de Bolsonaro as contorna, propondo uma solução disruptiva e personalista baseada na eliminação física ou moral da ameaça.

Finalmente, o fundamento da Santidade é mobilizado de forma pontual, mas estratégica (6,9%). O slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” é a manifestação mais clara dessa tática, que busca associar seu projeto político a uma missão divina. A retórica da Santidade é utilizada para criar “pânicos morais” (Cunha, 2016) em torno de temas como a ideologia de gênero, enquadrando pautas progressistas não como avanços de direitos, mas como uma ameaça de degradação às instituições sagradas da família e da infância. A Santidade funciona como reforço à sua identidade de protetor, fornecendo ao arquétipo uma dimensão messiânica que aprofunda a ligação emocional com seus apoiadores.

Assim, a arquitetura moral do discurso de Bolsonaro é a de um Herói Protetor: sua promessa é a de impor a ordem (Autoridade) e unir seu povo (Lealdade), defendendo-o da ameaça constante do Dano, enquanto invoca a Santidade para legitimar sua

⁵ “Em situações como a que ocorreu em Manaus-AM, onde 4 bandidos foram abatidos durante uma ação em que usaram homens e mulheres inocentes como escudo humano, policiais devem ser condecorados e homenageados pelo sucesso na proteção dos cidadãos. Deixo aqui, novamente, meus parabéns!” (Bolsonaro, 2018).

cruzada. Esse modelo de liderança moral, ancorado na lógica da proteção, encontra ressonância em contextos de insegurança e polarização, nos quais a promessa de defesa coletiva é mais eficaz do que a promessa de justiça ou redistribuição. Embora essa eficácia sugira uma forte ressonância com o campo afetivo do eleitor, os dados aqui apresentados devem ser lidos como a descrição de uma performance política vitoriosa, e não como o único fator determinante do sucesso eleitoral.

A RETÓRICA DA JUSTIÇA E PURIFICAÇÃO DE MILEI

O contexto eleitoral que levou Milei à presidência da Argentina em 2023, embora com paralelos ao caso brasileiro, possui uma genealogia própria enraizada em décadas de crises econômicas que levaram ao colapso da confiança popular. O cenário de hiperinflação e exaustão com as forças políticas tradicionais não se limitava ao Peronismo/Kirchnerismo, mas se estendia à oposição de centro-direita, percebida por parte do eleitorado como “[...] branda demais no campo econômico e progressista demais nos aspectos culturais” (Morresi; Ramos, 2023, p. 2). Neste terreno de terra arrasada floresceu um *outsider* radical, cuja promessa de destruição completa do sistema (Oliveira; Leite; Marques, 2021) encontrou ressonância.

Milei encarnou esse simbolismo de forma magistral. Sua persona de “leão” e o uso da motosserra em comícios foram a encarnação performática da fúria popular, consolidando-o como o “convidado mal-educado da festa cívica” (Mazzarella, 2019, p. 51), que canalizava o desejo de vingança de um eleitorado farto de expectativas frustradas. Como um influenciador de direita, sua ascensão foi meteórica, alimentada por uma retórica agressiva e uma persona excêntrica que viralizaram nas redes sociais. A análise de seu discurso no *Twitter*, detalhada na Tabela 1, revela a arquitetura moral que sustentou essa performance de Herói Justiceiro, um modelo retórico fundamentalmente distinto do de Bolsonaro.

No polo da virtude, a retórica de Milei se apoia em uma combinação de Autoridade (31,8%) e Equidade (15,1%). Sua autoridade não emana da tradição ou de instituições que ele busca destruir, mas de sua identidade como um economista técnico e disruptivo, que supostamente entende a raiz dos problemas e tem a coragem de aplicar a solução, como no tuíte em que confronta o então presidente: “Fiquei sabendo que o inútil do Presidente @alferdez veio questionar de que eu vivo. Eu vivo do meu trabalho, Alberto. Como fiz a vida toda. Algo que você não entende [...]” (Milei, 2023)⁶. Para Milei, este pilar é central, articulado em torno de uma promessa de justiça contra um sistema parasitário, onde os “que trabalham” serão finalmente recompensados e a meritocracia será restaurada. Essa apropriação singular da Autoridade, vinculada não a hierarquias tradicionais, mas a um saber técnico, distingue Milei como justiceiro que desafia a ordem estabelecida para restaurar a Equidade.

Diferente da direita conservadora ou da centro-direita argentina, que Milei classifica como “morna” ou conivente com o sistema, sua retórica não visa reformar as instituições, mas purificá-las por meio de uma ruptura radical. Ao enquadrar a crise como uma Trapaça sistêmica da “casta”, ele transforma a demanda econômica em uma cruzada moral, distanciando-se da gestão institucional técnica do conservadorismo para adotar uma postura abertamente antissistema.

⁶ No original: “Me cuentan que el inútil del Presidente @alferdez salió a cuestionar de qué vivo. Vivo de mi laburo, Alberto. Como hice toda mi vida. Algo que vos no entendés porque te hiciste millonario de hacer lobby para esas multinacionales que decís odiar”.

É no polo do vício, no entanto, que a estratégia de Milei se torna reveladora. Sua retórica de ataque é construída sobre o pilar da Trapaça (40%). A “casta política” é definida, acima de tudo, por sua desonestidade. A crise argentina não é apresentada como resultado de incompetência ou de um projeto ideológico equivocados, mas como um crime moral continuado, uma fraude sistêmica perpetrada por “ladrões” e “parasitas”.

Esse enquadramento ressoa com a interpretação conservadora da equidade, que exige a punição severa dos que “trapaceiam” o sistema (Haidt, 2013). O uso exaustivo de termos como “casta”, “ladrões” e “traidores” mobiliza uma ira que busca vingança, como na postagem: “TRAIDORES E RASTEJANTES. Isto são os políticos da casta argentina. Se penduraram em @mauriciomacri durante 20 anos para roubar cargos e agora cospem nele. Nada de bom pode sair de um traidor” (Milei, 2023). Essa ênfase faz da justiça punitiva, mais do que da proteção coletiva, o núcleo de sua proposta moral, aproximando Milei do arquétipo do Justiceiro.

Milei também mobiliza o vício da Degradação (17,5%), retratando o sistema político como moral e economicamente podre, contaminado pela corrupção. Em seu discurso, a “pureza” não é religiosa ou espiritual, mas ideológica: a pureza de um libertário, a única força capaz de purificar a nação. A solução para a degradação do país é um chamado à ação radical: “Não só podemos terminar com a decadência de 100 anos, mas também podemos ganhar do Kirchnerismo [...] o que terminaria com 20 anos de fracassos, impunidade e corrupção” (Milei, 2023)⁷. A baixa ênfase na Subversão (2,5%) e na Traição (7,5%) como vícios principais é notável: o inimigo não é quem desobedece a ordem, mas quem a corrompe por dentro. A nação não precisa ser protegida contra ataques externos, mas purificada internamente dos seus corruptores.

Os demais fundamentos são adaptados a essa lógica. O Cuidado/Dano é ressignificado: o Dano (32,5%) não é a violência física, mas a “ignorância criminoso” da má gestão econômica que destrói o poder de compra; o Cuidado (14,3%) é a promessa de libertação dessa opressão. A Lealdade é exigida não ao Estado argentino, mas à “causa libertária”, uma identidade quase messiânica, como sugere o tuíte: “A vitória na guerra não depende da quantidade de soldados, mas sim das forças que vêm do céu” (Milei, 2023)⁸. Esses rearranjos reforçam o caráter disruptivo de sua retórica: Milei denuncia vícios, redefine virtudes e converte a luta pela Equidade em cruzada contra a Trapaça e a Degradação.

A arquitetura moral de Milei é a de um Herói Justiceiro: sua promessa é a de restaurar a Equidade através de sua Autoridade disruptiva, mas sua função primordial é expurgar a nação da Trapaça e da Degradação encarnadas pela casta. Esse modelo de liderança moral se sustenta na ideia de purificação, onde a política é reimaginada como tribunal de Justiça, em que o líder encarna a vingança coletiva contra os trapaceiros e corruptos que traíram a pátria. Nesse sentido, a arquitetura moral de Milei identifica um padrão de comunicação desenhado para canalizar a fúria popular, funcionando como uma ferramenta de engajamento em um cenário de crise, sem pretender esgotar a complexidade das razões que levaram à sua eleição.

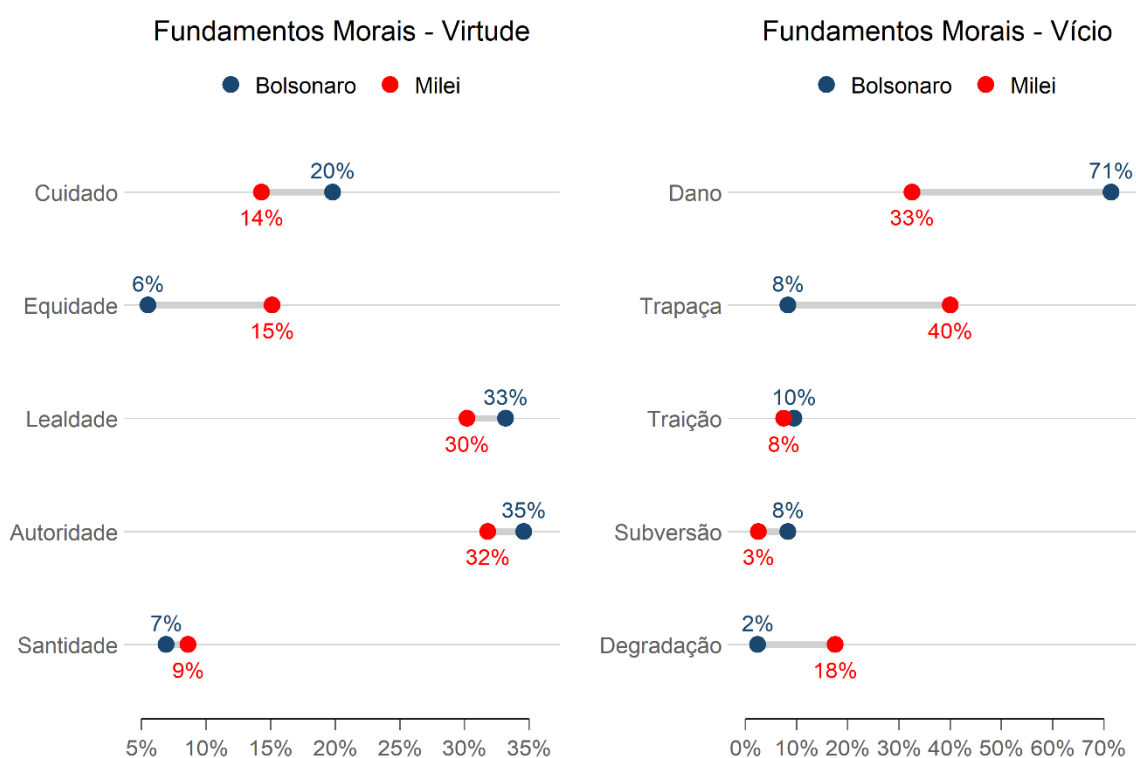
⁷ No original: “TRAIDORES Y ARRASTRADOS. Esto son los políticos casta argentinos. Se colgaron de @mauriciomacri durante 20 años para robar cargos y ahora lo escupen. Nada bueno puede salir de un traidor”.

⁸ No original: “La victoria en la guerra no depende de la cantidad de soldados sino de las fuerzas que vienen del Cielo”.

ANÁLISE COMPARATIVA: DOIS MODELOS DE HERÓI DA DIREITA POPULISTA

As análises individuais das arquiteturas morais de Bolsonaro e Milei demonstram que, embora ambos se inscrevam na direita radical populista latino-americana, suas estratégias discursivas para a construção da persona de herói nacional são profundamente distintas. Os dados sugerem que suas escolhas retóricas não são aleatórias, mas apostas em eixos morais diferentes, calibradas para as crises e anseios de seus respectivos eleitorados. Esta seção final se dedica a aprofundar a comparação entre os dois líderes para explicar as diferenças e semelhanças em seus modelos de mobilização. Os gráficos da Figura 1 apresentam de forma mais clara e direta os contrastes e as convergências.

Figura 1 – Comparação da ênfase percentual nos fundamentos morais (dentro de cada polo) nos discursos de Bolsonaro (2018) e Milei (2023).



Fonte: Elaboração própria.

A comparação das arquiteturas morais de Bolsonaro e Milei revela duas performances políticas distintas. Embora compartilhem um DNA conservador, trata-se de dois arquétipos contrastantes do herói nacional populista: o protetor, que defende o grupo de uma ameaça existencial, e o justiceiro, que purifica a comunidade ao eliminar seus corruptores.

No polo da virtude, ambos dedicam a maior parte de sua retórica aos pilares da Autoridade (34,6% e 31,8%, respectivamente) e da Lealdade (33,2% e 30,2%). Essa convergência representa a espinha dorsal do discurso da direita radical populista, que

responde a um cenário de retrocesso cultural com a promessa de restaurar a ordem, a hierarquia e a coesão do grupo (pátria, família). Contudo, é na disparidade sobre o pilar da Equidade que seus projetos se distinguem: enquanto para Bolsonaro este fundamento é residual (5,5%), para Milei ele tem maior protagonismo (15,1%). A diferença sugere que a Autoridade pode ser mobilizada tanto para proteger quanto para punir, dependendo do fundamento complementar que a acompanha.

Se as propostas de virtude divergem, as estratégias de ataque, reveladas no polo do vício, são opostas, distinguindo os dois modelos de herói. Bolsonaro constrói sua persona como o Herói Protetor, cuja retórica de ataque é focada no fundamento do Dano (71,4%). Para ele, o inimigo é uma ameaça existencial que causa prejuízo físico e moral ao seu grupo: o criminoso que ameaça o cidadão de bem, o professor que doutrina e corrompe a infância, o ativista que ataca a família tradicional. Sua resposta à crise é, portanto, a proteção, a defesa e a justificação da eliminação violenta dessa fonte de dano, uma estratégia perfeitamente alinhada a um eleitorado imerso em uma crise de segurança pública e em pânicos morais.

Milei, em contraste, encarna o Herói Justiceiro, cuja missão não é primariamente proteger o povo de uma ameaça externa, mas expurgar a nação de uma podridão interna. Sua retórica de ataque é predominantemente construída sobre o pilar da Trapaça (40%) e, secundariamente, da Degradação (17,5%). O inimigo, a casta, não é definido por sua violência, mas por sua desonestidade, sua corrupção e sua imoralidade, transformando a crise econômica argentina em uma fraude moral que exige vingança. A ênfase na Trapaça é a prova de que seu projeto é uma cruzada contra a desonestidade sistêmica, enquanto a Degradação complementa essa imagem, pintando a casta como trapaceira, moralmente falida e contaminada. Essa lógica de purificação interna contrasta frontalmente com a lógica de proteção externa que estrutura o discurso de Bolsonaro.

Essas arquiteturas morais distintas foram perfeitamente calibradas para seus contextos. No Brasil de 2018, a promessa de um Herói Protetor que combateria o Dano encontrou um público receptivo às suas preocupações com segurança e valores. Na Argentina de 2023, a promessa de um Herói Justiceiro que aniquilaria a Trapaça e a Degradação da casta canalizou a fúria e o desejo de ruptura. Como sugere a metáfora de Haidt (2013), ambos foram mestres em “falar com o elefante” de seu público. A análise comparativa mostra, contudo, que eles o fazem em dialetos morais distintos, revelando como a plasticidade da nova direita permite que diferentes crises sejam traduzidas em narrativas heroicas sustentadas por fundamentos morais específicos.

CONCLUSÃO

A análise comparativa dos discursos de Bolsonaro e Milei revela que ambos instrumentalizam a moralidade de forma estratégica, refutando a ideia de um monólito discursivo da direita radical populista. Seus projetos demonstram que, embora bebam da fonte do conservadorismo ao acionarem pilares como Autoridade e Lealdade, eles os reinterpretem sob uma lógica antissistema e excludente, típica do populismo autoritário. Suas vitórias eleitorais não ocorreram “apesar” de suas retóricas extremistas, mas por sua capacidade de construir narrativas heroicas distintas: Bolsonaro, como Herói Protetor, que prometia restaurar a ordem e defender a nação do Dano, e Milei como o Herói Justiceiro, que prometia vingança contra um sistema corrupto e trapaceiro. Isso demonstra que o populismo de direita opera não por uma fórmula única, mas por arquiteturas morais específicas, adaptadas às crises de cada sociedade.

Os achados impactam os estudos sobre populismo ao utilizar a TFM para decodificar mecanismos afetivos entre líderes e eleitores, superando a lógica puramente antagonista. A contribuição teórica reside em situar a extrema-direita na interseção entre discurso e moralidade. Demonstramos que a resiliência desse populismo na América Latina não se explica apenas pela gramática do antagonismo de Laclau (2013) e Mouffe (2019), mas pela conversão de crises em vocabulários morais específicos que conferem substância ao discurso. O sucesso da direita radical populista pode residir, também, na adaptação desse léxico aos ressentimentos de cada nação, abrindo uma agenda de pesquisa sobre as arquiteturas morais de outros movimentos políticos.

Este trabalho possui limitações importantes. A primeira reside no instrumento de medida: a ausência de um Dicionário Estendido de Fundamentos Morais (eMFD) validado para o português e o espanhol nos obrigou a usar o Dicionário de Fundamentos Morais (MFD), que é menos abrangente. Embora um teste de robustez, com eMFD em textos traduzidos, corrobore os achados, a limitação persiste. A segunda limitação é a amostra, confinada ao Twitter e ao período eleitoral, o que restringe a generalização dos resultados para outras plataformas ou para discursos proferidos fora do contexto de campanha. Além disso, o método quantitativo de dicionário, embora poderoso para identificar padrões, é cego a nuances contextuais cruciais como a ironia ou o sarcasmo.

No plano teórico, o estudo identifica padrões discursivos e estratégias retóricas, e não efeitos causais diretos. A vitória nas urnas é um fenômeno multicausal, dependente de variáveis econômicas e institucionais que extrapolam o escopo desta análise. Nossa contribuição reside em demonstrar como a moralidade foi instrumentalizada para dar substância e coesão a essas candidaturas. Ou seja, não afirmamos que Bolsonaro venceu porque usou a retórica do Dano ou que Milei triunfou por mobilizar a Trapaça, mas que essas escolhas retóricas foram centrais em sua comunicação vitoriosa. Reconhecer esses limites não invalida as conclusões, mas define com precisão os contornos de sua validade e aponta para pesquisas futuras que aprofundem a análise.

Em suma, a ascensão da direita radical populista de Bolsonaro e Milei representa uma operação discursiva e afetiva. A análise comparativa de suas arquiteturas morais demonstra que o sucesso do populismo de direita na América Latina não reside em uma fórmula única, mas na sua habilidade de adaptar seu vocabulário moral para ressoar com as crises e os ressentimentos particulares de cada nação. Ao ativar diferentes intuições de certo e errado, esses líderes não apenas apresentam projetos de poder distintos, mas também aprofundam a polarização e desafiam normas da democracia representativa, convertendo o campo moral em arena da disputa política.

SOBRE OS AUTORES

Pedro Santos Mundim – Jornalista pela PUC-MG. Mestre em Comunicação pela UFMG. Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ (atual IESP-UERJ). Pós-doutorado no Departamento de Comunicação Social da UFMG e no Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD) da UFBA. Professor associado de Ciência Política da UFG.

Marcella Soares Mendonça – Bacharel em Relações Internacionais pela UFG.

REFERÊNCIAS

1. ADORNO, Theodor W. *et al. The authoritarian personality*. New York: Harper & Brothers, 1950.
2. ALTEMEYER, Bob. *Right-wing authoritarianism*. Winnipeg: The University of Manitoba Press, 1981.
3. BOLSONARO, Jair Messias. [Página de Bolsonaro no X/Twitter]. 2018. X: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://x.com/jairbolsonaro>. Acesso em: 25 jan. 2025.
4. BORBA, Julian; RIBEIRO, Ednaldo; OKADO, Lígia. Antipetismo e ressentimento às minorias. In: BORGES, André; VIDIGAL, Robert (Orgs.). *Para entender a nova direita brasileira: Polarização, populismo e antipetismo*. Porto Alegre: Zouk, 2023. p. 229-254.
5. BOULIANNE, Shelley; KOC-MICHALSKA, Karolina; BIMBER, Bruce. Right-wing populism, social media and echo chambers in Western democracies. *New Media and Society*, v. 22, n. 4, p. 683-699, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444819893983>
6. CAMPELLO, Daniela; ZUCCO, Cesar. Presidential Success and the World Economy. *The Journal of Politics*, v. 78, n. 2, p. 598-602, 2016.
7. CESARINO, Leticia. How social media affords populist politics: remarks on liminality based on the Brazilian case. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, n. 1, p. 404-427, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/01031813686191620200410>
8. CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: Corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista de Antropologia*, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.165232>
9. CLEARY, Matthew R. A 'left turn' in Latin America? Explaining the left's resurgence. *Journal of Democracy*, v. 17, n. 4, p. 35-49, 2006. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/articles/a-left-turn-in-latin-america-explaining-the-lefts-resurgence/>. Acesso em: 05 abr. 2026.
10. CONNELL, Raewyn. Masculinities: The Field of Knowledge. In: HORLACHER, Stefan (Org.). *Configuring masculinity in theory and literary practice*. Leiden; Boston: Brill Rodopi, 2015. p. 39-52.
11. CUNHA, Magali do Nascimento. Religião e política: Ressonâncias do neoconservadorismo evangélico nas mídias brasileiras. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 11, n. 7, p. 147-165, 2016. Disponível em: <https://share.google/D2His2jNZSteluHFr>. Acesso em: 16 abr. 2026.
12. FERREIRA, Francisco H. G. *et al. The power of identity, the Information Age: Economy, society and culture*. Washington, DC: The World Bank, 2013.
13. FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yascha. The signs of deconsolidation. *Journal of Democracy*, v. 28, n. 1, p. 5-15, 2017. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/articles/the-signs-of-deconsolidation/>. Acesso em: 06 abr. 2026.
14. FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.
15. GARRETÓN, Manuel Antonio. *Incomplete democracy: Political democratization in Chile and Latin America*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2003.
16. GERBAUDO, Paolo. *The digital party political: Organisation and online democracy*. London: Pluto Press, 2019.
17. GRAHAM, Jesse; HAIDT, Jonathan; NOSEK, Brian A. Liberals and conservatives rely on different sets of moral foundations. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 96, n. 5, p. 1029-1046, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0015141>
18. GRAHAM, Jesse *et al.* Moral Foundations Theory: The pragmatic validity of moral pluralism. In: DEVINE, Patricia; PLANT, Ashby (Orgs.). *Advances in experimental social psychology*. Academic Press, 2013. v. 47, p. 55-130. DOI: <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-407236-7.00002-4>
19. HAIDT, Jonathan. *A mente moralista: Por que pessoas boas se separam por causa da política e da religião?* Rio de Janeiro: Alta Cult, 2013.
20. HAIDT, Jonathan. The emotional dog and its rational tail: A social intuitionist approach to moral judgment. *Psychological Review*, v. 108, n. 4, p. 814-834, 2001. Disponível em: <https://www.protevi.com/john/Morality/HaidtEmotionalDog.pdf>. acesso em: 06 abr. 2026.
21. HAIDT, Jonathan; GRAHAM, Jesse. When morality opposes justice: Conservatives have moral intuitions that liberals may not recognize. *Social Justice Research*, v. 20, n. 1, p. 98-116, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11211-007-0034-z>
22. HAIDT, Jonathan; GRAHAM, Jesse; JOSEPH, Craig. Above and below left-right: Ideological narratives and moral foundations. *Psychological Inquiry*, v. 20, n. 2-3, p. 110-119, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/10478400903028573>
23. HAWKINS, Kirk A. Is Chávez populist? Measuring populist discourse in comparative perspective. *Comparative Political Studies*, v. 42, n. 8, p. 1040-1067, ago. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/0010414009331721>
24. HILGERS, Tina; CALDERÓN, Anna; HONIGMANN, Max. Tensions between the middle classes and the "new middle class" in Brazil: An accidental biographical ethnography. *Latin American Research Review*, v. 57, n. 3, p. 536-553, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/lar.2022.17>
25. HOPP, Frederic R. *et al.* The extended Moral Foundations Dictionary (eMFD): Development and applications of a crowd-sourced approach to extracting moral intuitions from text. *Behavior*

- Research Methods*, v. 53, n. 1, p. 232–246, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3758/s13428-020-01433-0>
26. HUNTER, Wendy; POWER, Timothy J. Bolsonaro and Brazil's illiberal Backlash. *Journal of Democracy*, v. 30, n. 1, p. 68–82, 2019. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/articles/bolsonaro-and-brazils-illiberal-backlash/>. Acesso em: 06 abr. 2026.
 27. LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
 28. LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
 29. LUPU, Noam et al. Pulso de la democracia. Nashville: The Americas Barometer; Vanderbilt University, 2023. Disponível em: <https://www.vanderbilt.edu/lapop/regional-reports.php>. Acesso em: 06 abr. 2026.
 30. LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. *O populismo reacionário*: Ascensão e legado do bolsonarismo. São Paulo: Contracorrente, 2022.
 31. MAYER, Rodrigo. Direita populista radical na América Latina: Os casos da Argentina, Brasil, Chile e El Salvador. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v. 9, n. 2, p. 1–17, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15210/rsulacp.v9i2.25915>
 32. MAZZARELLA, William. The anthropology of populism: Beyond the liberal settlement. *Annual Review of Anthropology*, v. 48, n. 1, p. 45–60, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102218-011412>
 33. MCCOY, Jennifer; SOMER, Murat. Toward a theory of pernicious polarization and how it harms democracies: Comparative evidence and possible remedies. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, v. 681, n. 1, p. 234–271, 2018. DOI: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0002716218818782>
 34. MILEI, Javier. [Página de Milei no X/Twitter]. 2023. X: @JMilei. Disponível em: <https://x.com/JMilei>. Acesso em: 25 jan. 2025.
 35. MORRESI, Sergio; RAMOS, Hugo. Apuntes sobre el desarrollo de la derecha en Argentina: el caso de “La Libertad Avanza”. *Caderno CrH*, v. 36, p. 1–18, 2023. DOI: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v36i0.55307>
 36. MOUFFE, Chantal. *Por um populismo de esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
 37. MUDDE, Cas. *Populist radical right parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
 38. MUDDE, Cas. The populist Zeitgeist. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, p. 541–563, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>
 39. NAPOLI, Philip M. *Audience evolution: New technologies and the transformation of media audiences*. New York: Columbia University Press, 2011.
 40. NICOLAU, Jairo. *O Brasil dobrou à direita*: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. São Paulo: Zahar, 2020.
 41. NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
 42. O'DONELL, Guillermo A. Delegative democracy. *Journal of Democracy*, v. 5, n. 1, p. 55–69, 1994. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/articles/delegative-democracy/>. Acesso em: 06 abr. 2026.
 43. OLIVEIRA, André Silva de; LEITE, Breno Rodrigo; MARQUES, Rodolfo Silva. As novas direitas no Brasil e as estratégias de comunicação política nas mídias sociais. *Em Tese*, v. 18, n. 2, p. 245–269, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/1806.5023.2021.e78974>
 44. PEREIRA DA SILVA, Fabricio. O fim da Onda Rosa e o neogolpismo na América Latina. *Revista Sul-Americana de Ciência Política*, v. 4, n. 2, p. 165–178, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15210/rsulacp.v4i2.14207>
 45. PORTO, Mauro. *Mirrors of whiteness: Media, middle-class resentment, and the rise of the far right in Brazil*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2023. (Series: Pitt Latin American).
 46. PRIOR, Markus. *Post-broadcast democracy: How media choice increases inequality in political involvement and polarizes elections*. Cambridge University Press, 2007.
 47. RENNÓ, Lucio. The Bolsonaro voter: Issue positions and vote choice in the 2018 Brazilian presidential elections. *Latin American Politics and Society*, v. 62, n. 4, p. 1–23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1017/lap.2020.13>
 48. RODRIGUES, Paulo Roberto Grangeiro. Influência social, minorias ativas e desenvolvimento moral: Ensaio teórico sobre a representatividade política brasileira. *Psicologia & Sociedade*, v. 30, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i173402>
 49. RODRIK, Dani. Populism and the economics of globalization. *Journal of International Business Policy*, v. 1, p. 12–33, 2018. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w23559/>. Acesso em: 06 abr. 2026.
 50. STRUPP-LEVITSKY, Michael et al. Moral “foundation” as the product of motivated social cognition: Empathy and other psychological underpinnings of ideological divergence in ‘individualizing’ and ‘binding’ concerns. *PLOS One*, v. 15, n. 11, p. 1–19, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0241144>
 51. TAJFEL, Henri; TURNER, John. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, William G.; WORCHEL, Stephen (Orgs.). *The social psychology of intergroup relations*. Monterey, CA: Brooks Cole Publishing, 1979. p. 33–47.

52. TORRE, Carlos de la. Populism and nationalism in Latin America. *Javnost – The Public*, v. 24, n. 4, p. 375–390, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/13183222.2017.1330731>
53. TORRE, Carlos de la. *Populist seduction in Latin America*. Athens: Ohio University Press, 2010.
54. VAGGIONE, Juan Marco. El entramado neoconservador en América Latina. La instrumentalización de la ideología de género en las democracias contemporáneas. Las Torres de Lucca. *International Journal of Political Philosophy*, v. 11, n. 1, p. 51–64, jan. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5209/ltldl.79437>
55. ZACARIAS, Daniel Oliveira; ALMEIDA, Rizzia; MODESTO, João Gabriel. A teoria dos fundamentos morais e as eleições presidenciais brasileiras em 2018 e 2022. *Quaderns de Psicologia*, v. 26, n. 1, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1995>
56. ZILLA, Claudia. *Javier Milei's ideology and policy: Libertarian populism in Argentina*. Berlin: Stiftung Wissenschaft und Politik; German Institute for International and Security Affairs, 2024. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/zbw/swpcom/304319.html>. Acesso em: 28 maio 2024.
57. ZILLA, Claudia. *Evangelicals and politics in Brazil*. Berlin: Stiftung Wissenschaft und Politik; German Institute for International and Security Affairs, 2020. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/zbw/swprps/12020.html>. Acesso em: 22 maio 2024.

Submissão em 02 de outubro de 2025.

Aceito em 05 de janeiro de 2026.

